

mas a gente tem que saber tirar", reflete. O quintal da casa dele se mistura com o dos vizinhos, entrelaçando árvores com fartura de bacuparis, brejaúbas, frutas-pão, indaiás, cocos e araçás. Sem falar nas roças de mandioca, dez espécies cultivadas alternadamente para não esgotar o solo.

Das muitas manifestações culturais de antigamente, antes que metade da população local se convertesse em evangélica, a Festa de Reis é das poucas que permanece. No Natal, a tradição de servir "bolinhos de pobre" – feitos com farinha de mandioca, água e sal, depois fritos e polvilhados com açúcar – vem do costume de servir às visitas bolinhos de chuva. Dona Gracinha, uma das poucas artesãs que pintam os barquinhos de caixeta, é especialista no quitute. Esposa de seu Juray Lopes Correa, bom de prosa que só ele, mantém a casa de taipa e o fogão a lenha na comunidade do Regato. Assim como a aldeia de Curupira, o Regato fica no fundo do Saco, onde deságuam vários riachos. É uma região de manguezais e de áreas repletas de caixeta.

Contra o vento, nossos caiaques navegam com dificuldade nesse trecho. Ainda que se reme forte, a velocidade não ultrapassa os 5 quilômetros por hora. Até que, em uma curva, o vento repentinamente se finda e adentramos na

Dois perigos rondam este santuário natural: a pesca predatória e a especulação imobiliária. Mas a comunidade está disposta a resistir

área de mangue, onde a natureza pulsa mais forte. É fácil de ver, sob os galhos aéreos da vegetação, os caranguejos das espécies uçá e maria-mulata. Belas bromélias disputam espaço com garças-brancas, martins-pescadores, socós, maguaris, guarás e biguás.

Os caixetais ficam às margens do Rio Grande, perto da Fazenda Santa Maria. A área da fazenda, que já foi ponto de venda de escravos, bananas e tamancos de caixeta, hoje está sendo ameaçada pela construção de uma marina por parte de um condomínio de luxo, do outro lado do morro. Em 2000, a estrada que liga a fazenda ao condomínio começou a ser ampliada para viabilizar a infra-estrutura de apoio náutico. A população se mobilizou, juntou documentos e conseguiu que o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro embargasse a obra. Mas até hoje o caso não foi julgado e segue sendo uma ameaça (veja quadro ao lado).

"Estamos lidando com um turismo de poder aquisitivo muito alto", lembra o biólogo Paulo Nogara, que espera a conclusão de um estudo sobre a capacidade de suporte para navegação no Mamanguá para impedir a obra. O aumento do tráfego marítimo, adverte o biólogo, afetaria os mangues

AMEAÇADA VIDA CAIÇARA

O Saco do Mamanguá foi um paraíso caiçara até a década de 1940, quando entrou na rota de traineiras em busca de sardinhas. Nos anos 1990, a situação piorou ainda mais com a introdução do arrasto de camarão – até hoje, a maior ameaça à integridade do Mamanguá, ao destruir em média 10 quilos de fauna marinha para cada quilo de camarão capturado.

Em 1998, sob a coordenação do biólogo Paulo Nogara, um dos defensores mais atuantes do Mamanguá, a comunidade começou a se defender. Inventadas pelo biólogo e pelos pescadores, as estruturas de concreto batizadas de Dispositivos de Exclusão de Arrasto (DEAs) tinham barras de ferro atravessadas como um espeto. Fundeadas, elas teriam a função de rasgar as redes arrastadas horizontalmente. A iniciativa, pioneira no Brasil, é uma das muitas ações que têm preservado a região.

A especulação imobiliária – e o conseqüente êxodo de caiçaras – tem números alarmantes. Há cerca de 25 processos demolitórios na região, que já foi habitada por 6 mil índios tupinambás, e hoje tem apenas 120 famílias caiçaras, com uma

população que não ultrapassa os 700 habitantes. "Muitos caiçaras já foram embora, mas a gente não vai, não", desafia seu Oriando, que há pouco tempo ganhou, na Justiça, o direito ao

pedaço de terra que conseguiu preservar. Em 1991, o pescador vendeu parte de seu terreno, na Praia do Cruzeiro, para um coreano – que quis ficar com toda a praia.

Nogara foi apresentado ao Mamanguá pelo professor Antonio Carlos Diegues, do Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras (Nupaub), da USP. Ambos fazem parte de um grupo de veranistas que faz a linha de frente aos ataques à natureza conservada do Mamanguá. São os que promoveram um turismo integrado à paisagem, com casinhas em estilo caiçara escondidas na mata. Nos últimos anos, entretanto, uma onda de construção de mansões à beira-mar rendeu ao Mamanguá 25 processos demolitórios. E telhados vistos a léguas de distância.

"Aqui era morada de muita gente. Na plantação dava de tudo, e peixe tinha à vontade", suspira, saudosa, Marli das Dores, nascida e criada na Praia Grande, uma das comunidades pesqueiras da margem direita do Saco. "Vi muito parente vender terra. Aí vai para Paraty, aquela filharada, tem que comprar toda a comida. Não agüenta, é quando quer voltar, não tem mais como", diz dona Marli.